

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECCÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I

MAIO DE 1895

N.º 5

Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve

Um problema da maior importancia, que se nos deparou na exploração dos depositos prehistoricos do monticulo de Santa Olaya, pertencente á Quinta de Foja, no concelho da Figueira, levou-nos a percorrer grande parte do litoral do Algarve, com o fim de estudarmos algumas estações da primeira idade dos metaes. Nesta longa e demorada excursão tivemos muitas vezes de desviar-nos do objecto das nossas investigações, a fim de não deixarmos perder para a sciencia alguns vestigios interessantes das epochas romana e arabe, que por ali encontrámos: sobretudo tendo a nosso cargo a direcção do Museu Municipal da Figueira, que muito carecia de engrandecer as suas collecções com artefactos d'aquellas epochas, em que a região da Figueira é notavelmente pobre. É d'esses vestigios, estudados nos proprios logares, e registados com algum cuidado, que nós vamos aqui dar noticia tão minuciosa quanto possivel.

1. Antiquidades de Marim (Olhão)

Sabendo que em Marim, concelho de Olhão, em propriedade do Sr. João Lucio Pereira, se haviam descoberto em tempo algumas sepulturas antigas, visitámos o sitio, e encontrámos ali ruinas manifestamente romanas, sendo informados que dezanove annos antes haviam sido exploradas por Estacio da Veiga. Esta exploração destruiu, sem deixar registo algum conhecido dos resultados colhidos, uma necropole por inhumação, e o pavimento em mosaico de um pequeno edificio, que ficava a algumas dezenas de metros de distancia; e pusera a descoberto parte de uma *cella vinaria* ou *olearia*, onde se encontraram tres *dolia* enterrados até metade dos bojos no

pavimento e de que foram recolhidos todos os fragmentos, segundo nos informou uma testemunha ocular. Nós vimos ainda os orifícios circulares, com o diametro de um metro aproximadamente, abertos no *pavimentum*, onde tinham existido aquelles robustos vasos.

Estudando estas ruínas, que ficam á esquerda da serventia que segue da estrada de Tavira pelo meio do predio para as casas que neste existem, e explorando parte dos entulhos que restavam inexplorados, verificámos que o edificio era de fórma rectangular, alongado de leste a oeste, e que d'elle restavam os envasamentos das paredes, o pavimento e parte de uma escada do lado do sul, onde parece que o terreno contiguo já era mais baixo, ao tempo da construcção, de que o terreno do lado do norte.

As paredes são de alvenaria ordinaria muito endurecida, emboçadas na face interna com uma argamassa de cal, areia e pedra meuda, estriada profundamente, com a espessura de 0^m,02 a 0^m,03, e por cima revestidas de outra camada de cal e areia, que se fixava nas estrias do emboço; especie de aparelho que notámos pela primeira vez. O *pavimentum* era formado por um leito de argamassa de cal e areia, com mistura de fragmentos de ceramica e cascalhos, e revestido superiormente só com argamassa.

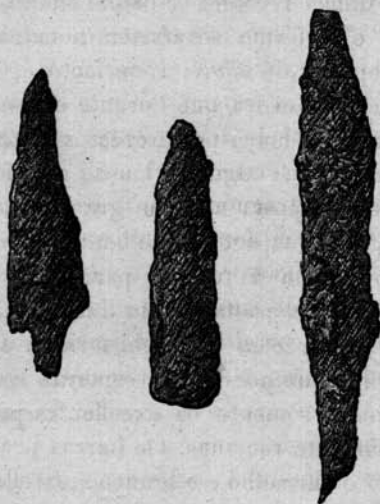
Encontrámos ali poucos restos de *dolia*, de amphoras, de uma *paterna* de fino barro e de outros vasos, alguns fragmentos de placas de marmore, restos de cozinha, consistindo em conchas de molluscos marinhos, sobretudo ostras, e ossos de cabrito e de bovideos, no meio de muitos carvões e cinzas, e bastantes fragmentos de telhas de rebordo e curvilineas (*tegula* e *imbrex*).

Procedendo em seguida á exploração do terreno contiguo pelo norte a este edificio, onde não haviam chegado as excavações de Estacio da Veiga, e que esperavamos encontrar virgem de remeximentos a uma certa profundidade, fizemos descer a excavação a ponto de encontrarmos a base da camada de terra vegetal; e encontrámos apenas alguns pedaços de alicerce de outro edificio romano, e abundantes restos da construcção espalhados e soltos no entulho, denotando que a destruição não poupára os proprios envasamentos, pavimentos e alicerces! A falta das pedras, que deviam ter entrado na construcção da obra, e pelo contrario a abundancia dos fragmentos de argamassa e de telhas e tijolos, fez-nos persuadir que a demolição tivera logar para aproveitar a pedra em outras construcções, talvez as proprias que o proprietario hoje ali possui. Bases de columnas romanas de pedra existem ainda, sem applicação, junto a essas construcções: são provavelmente restos do rico edificio a que nos referimos.

Recolhemos no entulho muitos fragmentos de pinturas muraes *a fresco*, umas lisas e outras com restos de ornamentação, em que apparecem as côres branca, amarella, azul, vermelha e castanha. O apparelho das paredes para esta pintura consiste em um emboço de cal e areia, coberto superficialmente por uma fina camada de cal.

Notámos nalguns d'esses fragmentos, uns azues e outros vermelhos, um resalto de 0^m,045 aproximadamente, indicando que servira de moldura, cercando provavelmente a porção da parede onde existia a ornamentação. Nada semelhante encontrámos nos restos de *fresco* das *thermas* de Milreu, em Estoi.

Recolhemos tambem restos de ceramica muito fina e de cozinha, espalhados na maior desordem.



Numa pequena porção de alicerce havia uma interrupção, indicando o vão de uma porta ou outra abertura semelhante, guarnecida ainda de um lado por uma grande pedra apparelhada. Neste vão descobriu-se um pequeno depósito de carvões, cinzas e objectos queimados, que parecia ter escapado aos remeximentos; e nelle recolhemos, de mistura com restos de cozinha, taes como valvulas de ostras e outros mariscos, e ossos de cabrito e de boi, um pedaço de uma pequena taça de vidro finissimo, alguns restos de vasos de barro muito puro, contendo um d'elles resto de ornamentação gravada na pasta, outros de um vaso mais grosseiro que, restaurado em parte, nos deu uma fôrma semelhante á de alguns vasos romanos de Santa Olaya (*cucuma*, *hirnea*?), assim como tres facas de ferro muito oxidadas, do typo *culter coquinaris* (vide a fig.).

A presença nos restos de cozinha romana das valvulas de molluscos marinhos, e sobretudo das ostras, já por nós tinha sido notada na estação de Santa Olaya, onde estas conchas abundam. Isto confirma o que a historia diz á cêrca da predilecção dos romanos pelas ostras (*palma mensarum divitum*), a ponto de terem parques de criação (*vivaria ostrearum*), que Plinio afirma haverem sido estabelecidos pela primeira vez por Sergius Orata em Baias¹. Até nos banquetes funebres os molluscos eram objecto de gulodice. «Les coquillages, diz E. Breton², étaient en quelque sorte le plat fondamental de ces repas funèbres; c'est ce qui explique la quantité de débris de ces mollusques trouvée ordinairement dans les tombeaux romains».

Nesse mesmo deposito recolhemos restos de ceramica muito grosseira; em alguns é difficil reconhecer os caracteres da roda de oleiro, posto que a pasta e a fórmula se afastem notavelmente da ceramica neolithica e da da epocha do cobre. Este facto é, a nosso ver, muito interessante, porque demonstra que durante o dominio romano ainda se fabricava na Peninsula louça por processos algum tanto primitivos. Tambem é para notar que algumas louças manifestamente romanas apresentam na grosseira pasta a côr negra internamente, e externamente a vermelha, com aspecto semelhante ao de algumas louças neolithicas. Se não fossem as estrias paralelas, a regularidade da espessura, a estrutura da pasta, a sua dureza e a fórmula, não seria muito difficil confundi-las com as prehistoricas. Que isto sirva de aviso aos exploradores que porventura esperam encontrar nas ruinas da epocha luso-romana sómente os excellentes productos ceramicos das fabricas genuinamente romanas. Os barros predominantes nessas ruinas de Marim são o vermelho e o branco amarelado, e excepcionalmente o negro. É o contrario do que acontece nos restos romanos de Santa Olaya, em que predominam os barros negro, pardo cinzento e vermelho intenso ou desmaiado. Nos mais finos de Marim apparecem ás vezes restos de uma camada superficial muito lisa e lustrosa, de côr vermelha, devida a uma especie de massa especial feita com leite de argilla, que toma o aspecto de verniz.

(Continúa)

A. DOS SANTOS ROCHA.

¹ *Nat. Hist.*, liv. ix, 79; Guhl e Koner, *La vie antique*, Rome, pag. 339.

² *Pompeios*, pag. 96, v. 1.